

Da anatomia do desejo à imaginação desencorpada

Liliana Liviano Wahba

Se tentarmos definir a estrutura psicológica da experiência religiosa que salva, cura, e torna inteiro, a fórmula mais simples que encontrarmos pareceria ser a seguinte: *na experiência religiosa o homem se vê face a face com o sobrepujante Outro...* A disposição psíquica do indivíduo frequentemente assume a forma da sexualidade ou algum outro impulso não espiritual. Somente algo sobrepujante, qualquer que seja a forma de expressão que use, pode desafiar o homem inteiro e forçá-lo a reagir como um todo. (CW 10, *Flying Saucers*, p. par 345)

JUNG e a SEXUALIDADE

Jung descreveu complexos eróticos em seus pacientes e nos primeiros anos de seu trabalho, especialmente junto a Freud, os nomeia e muito escreveu sobre sexualidade e a transferência erótica na clínica. Assim como Freud muitas vezes nos seus textos denunciou a hipocrisia moral da época e a neurose que tal situação provocava.

De 1907 a 1912:

(CW 3 *Teoria Demência Precoce*, 1907) CW 4 *Teoria Freud sobre Histeria* (1906) Em CW 3 *Psicologia da Demência Precoce* (1907) CW2 *Psychoanalysis and Associations* (1904 a 1910) Em CW 2 *Associations and Dreams* (1904 a 1910) CW 4 – *Freudian Theory on Histeria* (1906).

Em 1912 (*Teoria da Psicanálise*, CW 4): menciona fantasias em torno da sexualidade, que envolvem nascimento, prole, gravidez, e são “de importância extraordinária para preparar e aperfeiçoar a função sexual”(par. 237)

Atribuía ao drive (impulso sexual) papel fundamental no funcionamento psíquico. “Os efeitos mais fortes dos afetos crônicos se dão nos complexos sexuais, em que o tom afetivo é mantido pelo muitas vezes nos seus textos. desejo sexual insatisfeito”

“Somente sabemos que encontramos a sexualidade em toda parte. Haverá algum outro fator psíquico, algum outro drive (pulsão) básico com exceção da fome e de seus derivados, que tenha importância similar na psicologia humana?” (p4) E, ainda, refere-se ao estar apaixonado como um complexo sexual, como um estado obsessivo. Em alguns escritos vai ainda descrever fantasias e complexo sexual clinicamente.¹

Tratou também de perversões como uma fixação de atividade sexual. Durante os anos de seus estudos com Experimentos de Associação descobriu complexos sexuais e constatou ainda que grande parte dos complexos eram sexuais, com sintomas de repressão sexual. Por exemplo: “Um número enorme de complexos que descobrimos em nossos sujeitos são eróticos. Em vista da grande parte que a sexualidade e o amor assumem na vida humana isso não é surpreendente” (p. 137) “Tão logo o inquirido atinge algo sexual há uma barreira, e então nos deparamos com obstáculos insuperáveis”. (p. 405). Escreve que, dado que os sentimentos mais fortes e impulsos se relacionam aos complexos mais poderosos, “não é surpreendente que a maioria dos complexos sejam de natureza erótico- sexual” (par 140) , como também são a maioria dos sonhos e a maioria das histerias (p. 67).

Ou, “sonhos de ansiedade que são tão comuns, invariavelmente simbolizam um desejo erótico” (CW 7 *Apendices, New Paths*, (1912/1966) passagem esta que foi retirada e depois inserida) [Santana, 2014, p. 81]

Nos anos seguintes à ruptura com Freud manteve postura semelhante, mas, buscando diferenciar-se da teoria freudiana, em alguns momentos assumia a pujança e importância da sexualidade e, ao mesmo tempo, procurando destacar seu aspecto simbólico ou numinoso. A leitura que faço é que perdeu algo essencial nessa busca, particularmente quando conceituou anima e animus quase desprovidos de fantasia erótica e de desejo por outras pessoas.

¹ Complexo erótico da Bíblia, Tobit em CW 8, Revisão da Teoria dos Complexos, 1934. Em CW 7 paciente e caranguejo o pé símbolo fálico (para 231). Em o Ego e o inconsciente jovem que sofre desilusão e depois ensurta no observatório.

Em escritos posteriores ao acima, continuando a admitir a função fundamental da sexualidade, escreve *CW 8 Energia Psíquica*, 1928: que “sexualidade é o porta voz dos instintos”. Um poder criativo, no qual o espírito vê uma contraparte que o iguala. “O conflito entre ética e sexo hoje em dia não é somente uma colisão entre sexualidade e moralidade, mas a luta para dar a um instinto seu papel devido em nossas vidas, e reconhecer nesse instinto um poder que busca expressão”. (p 57)

Em *CW 9 Aion*, 1950: “Onde quer que o homem se envolva a sexualidade também irá aparecer”. (p 91, n 75) e em *CW 17 – Analytical Psychology and Education* (1926/ 1946): “Quando o sexo predomina tudo se torna sexualizado, pois tudo então expressa ou serve ao propósito sexual” (p. 82); “sexualidade é o porta voz dos instintos”. Tem poder criativo, no qual o espírito vê uma contraparte que o iguala.

DIFERENÇA de FREUD?

Discordava de Freud na ênfase dada à sexualidade como fonte primária de neurose – ainda que muitas vezes o fosse – e também na ênfase da teoria psicológica embasada nos instintos biológicos. Assim, em *CW 5, Símbolos de Transformação*, de 1912, obra que marca a ruptura com Freud, ainda assume a importância central da sexualidade: “De todos os componentes da psique, o sexo é sem dúvida o que tem maior tom afetivo”. (p. 151)

Parece que seu desacordo com Freud seria por achar que ele reduzia a sexualidade, mas não por negar a tremenda força da mesma. Também parece haver algumas contradições entre mantê-la como prioritária e em querer que se tire o foco dela. Nas *Conferencias de Tavistock*, *CW 18*, de 1935, critica o estudioso que se ocupa tanto de sexualidade, o que era prioritário no homem primitivo, assim como a nutrição.

Mas, em *CW 10 Flying Saucers, um mito moderno* (1958) afirma que há uma forte associação entre o instinto sexual e o esforço em direção à completude: “com exceção do anseio religioso nada desafia o homem moderno mais conscientemente e pessoalmente do que o sexo” (p. 344).

Sobre a libido - energia psíquica - manifesta na paixão, escreve que a paixão eleva o homem não somente acima dele mesmo, mas além de sua ligação de sua mortalidade e condição terrena, e ao elevá-lo de tal forma, também o destrói. (*CW 5 : 1912/ 1950*, par 171).

Jung procurava reinserir o *aspecto numinoso* que achava que Freud tinha deixado de lado. Um comentário sobre o numinoso: seria a força imaginativa, a capacidade humana de fantasiar, que Jung considerava reduzida ao biológico em Freud. Em *Memórias* (1961) escreve que Freud colocou a sexualidade no lugar de um Deus ciumento, e fez de sua teoria um dogma.

Ou, em *CW 4, Prefaces to Collected Papers*, de 1917, relata que a Escola Vienense adota uma ponto de vista exclusivamente sexualístico e a escola de Zurich é simbolística. A Escola Vienense, segundo Jung, interpretaria o símbolo psicológico como um sinal semiótico de certos processos primitivos psicosexuais. “A Escola de Zurich reconhece a possibilidade científica de tal concepção mas lhe nega sua validade exclusiva” (p. 291). Essa seria uma diferença entre ambas as concepções que Jung queria destacar. Assim, escreve, por exemplo, em *CW 16 – Modern Psychotherapy* (1930), que derivar tudo da sexualidade é muito destrutivo (p. 30).

EROS

Dado que todo instinto humano é psiquizado, Jung tratou do amor e do erotismo englobando a sexualidade. Em *Memórias* escreve que em sua vida se deparou repetidamente com o mistério do amor e nunca foi capaz de explicar o que seria (p. 353), e que não se pode perder o mistério inerente a Eros (*Jung Letters 2*, p. 470).

Ainda, Eros precisa ser balanceado na experiência humana, pois traz a beleza e pode destruir, pois espírito e instinto necessitam permanecer em harmonia: “muito do animal distorce o

homem civilizado, excessiva civilização produz animais doentes”. (CW 7, A teoria de Eros (1917/1943, p. 28). Jung alerta que não se pode reduzir Eros a atos físicos somente ou confundir-lo com sexo (CW 10, *Women in Europe*, 1927).

Escreveu também sobre o amor e a sexualidade, particularmente em CW 10 *O papel do inconsciente*, em 1918: “a sexualidade na forma do amor é origem o anseio mais selvagem, das mais secretas dores, das experiências mais dolorosas “ (p. 6). E em 1922, CW 10 *Problemas amorosos de um estudante*, em uma conferência a estudantes falou-lhes sobre o amor e a sexualidade na época e a importância de considerar o amor seriamente e não o sexo pelo sexo.

Dado que no amor romântico ou outra paixão amorosa a pessoa projeta seu inconsciente no parceiro, pode ser sujeita à esmagadora força erótica do outro e, para que a libido não seja totalmente esbanjada na sexualidade, uma parte dela deve ser retida para um propósito espiritual ou simbólico. (CW6 “Type Problem in Poetry”, 1921 (p. 237). Mas há uma divisão que parece dicotômica nesse texto quando Jung escreve que a sexualidade pode se expressar inapropriadamente em fantasias e as fantasias criativas podem se expressar inapropriadamente na sexualidade (par 709).

DESCOBERTA da ANIMA

Foi nas visões que deram origem ao *Livro Vermelho* que Jung se inspirou para conceituar a anima e o animus. No primeiro momento descreve a poderosa expressão da sexualidade. “O mundo dos Deuses é manifesto na espiritualidade e na sexualidade. O aspecto celestial aparece na espiritualidade, o terreno na sexualidade. [...] Espiritualidade e sexualidade não são qualidades da pessoa, não são coisas que se possui e contem. Pelo contrario, são elas que possuem e envolvem, pois são poderosos daimons, manifestações dos Deuses e, portanto vão além da pessoa, existem nelas mesmas” (p. 352). Ou seja, não se pode reduzir a sexualidade a sua dimensão instintiva. Ou: “O daimon da sexualidade se aproxima de nossa alma como uma serpente. É meio alma humana e se denomina pensamento-desejo” (p. 353). Vinculará essa fora instintivo-espiritual à aparição do feminino tentador e sedutor na psique masculina.

Em CW *Estrutura da Psique*, de 1927, explica que condições fisiológicas despertam fantasias carregadas de afetos e a sexualidade aparece sob diversas imagens (par. 332). Descreve a seguir varias formas do aparecimento do erótico, entre as quais, deus da fertilidade, *daemon* feminino “ferozmente sensual”, diabo com patas de cabra dionisíaca e gestos obscenos, serpente que aperta até a morte. (p. 155) Podemos ver metáforas de atração sexual aqui descritas.

Em CW 9,1 *Arquétipos e Inconsciente Coletivo*, de 1934, por exemplo, traz as figuras das Nixies – ninfas - como versão instintiva do ser feminino mágico, assim como as sereias. A fantasia erótica viria como uma ninfa, independentemente do ego, causando fascínio e terror; traz poção do amor e da morte, como as bruxas, a intriga e o autoengano. Aqui ele parece descrever a fenomenologia do apaixonamento e suas vicissitudes, e se pergunta o que tudo isso teria a ver com a alma tão maravilhosa e imortal; e responde que é a vida que faz viver, um aspecto do inconsciente projetado usualmente em mulheres (par. 56) “Ela nos faz acreditar coisas incríveis, que a vida pode ser vivida”.

Em CW 16 *Psicologia da Transferência*, de 1946, Jung distingue 4 estágios de eroticismo ou culto de Eros: Eva (biológico, visa fertilização) – Helena (Eros sexual romantizado, estético) – Maria (Eros espiritualizado, devoção, materno) – Sofia sabedoria espiritualizada de Eros) (par. 361).

Em *Aion* CW 9,2, de 1950, escreve que a natureza da anima é ligada a Eros e se transveste de Afrodite, Helena, Perséfone, Hécate, poderes inconscientes que se tornam operativos na projeção do sexo oposto (par 41). Ou seja, subentende um estado de paixão, mas Jung não o exemplifica na relação com o outro (ou o faz muito pouco) e enfatiza ao invés a relação do ego com o inconsciente.

CONCEITUALIZAÇÃO abstrata Anima e animus

Jung cada vez mais tende para o polo arquetípico da sexualidade e do erotismo. Para o animus a abstração é mais notória, já que anima se vincula a Eros, mas o animus à discriminação. De um lado, pode-se entender que a função erótica para Jung pertence ao eu da mulher, e ao inconsciente do homem. Essa diferença, no entanto, não se sustenta, a atração e fascínio pelo outro mobilizam a consciência e o inconsciente traz fantasias de sedução em ambos os sexos, ou seja, ambos fantasiam com o erótico.

Anima e animus são tidos como fatores de projeção por excelência e fazem ponte com o inconsciente: o Eros da consciência, o Logos da consciência (CW 9,2). Como componentes anímicos, a anima tece sentimentos, leva a escolher o escuro, o equívoco, a vaidade, a frieza, o desamparo. Os humores estão em evidência.

Já, o animus tece opiniões, e projeta-se em intelectuais e heróis, artistas, celebridades. (CW 16, 1946, *Psicologia da Transferência*, par. 504). Ao descrevê-lo como “amante ciumento” (CW 7, 1928, par 334), é porque impõe suas opiniões perante o homem, que se irrita com isso ou acha graça “se a mulher é bonita”.

Assim, a anima é autoerótica (CW 16, par 504), e o animus amante ciumento e, quando se retiram as projeções que provocam, tornam-se fatores de integração entre consciente e inconsciente. Ou seja, a libido introverte? Mas Jung insiste que individuação não é individualidade. Ficaríamos com a impressão que, após cessarem as projeções, o outro é visto como realmente é, mas sem grande interesse ou impacto.

CONIUNCTIO alquimia sem corpo e sem alteridade

Quando Jung enfatiza que a sexualidade necessita resgatar seu aspecto numinoso, e que o sexo pode expressar algo mais profundo que seria o anseio pela alma, assim como é descrita a *coniunctio* em *Psicologia da Transferência*, de 1946 ou *Psicologia e Alquimia*, de 1944, perde-se a realidade corporal do corpo percebido e sentido, na sua plenitude amorosa e entrega ao Outro que o acolhe.

Assim, adverte que muita projeção erótica é ilusória, porque “necessitamos reconhecer que nos encontramos a nós mesmos uma e outra vez sob milhares de disfarces no percurso da vida” (*Psic da Transferência*, p. 318). Ou, em *CW 8 Aspectos gerais da teoria dos sonhos*, (1916/1948) adverte que o paciente deve deixar de entender a linguagem inconsciente sexual literalmente ao interpretar as figuras de sonho como pessoas reais. (p. 264) Em 1911, em *CW4 Morton Price, e interpretação de sonhos*, enfatizara a probabilidade alta de desejo erótico na psique e ser extremamente improvável sua ausência (p. 66). Mas em *Símbolos de transformação* CW 5, 1912/1952, (p. 155) adverte que a problemática sexual trazida pelo paciente na análise pode ser um desvio de outros problemas que são os reais; e nas *Conferências de Tavistock* em 1935, enfatiza a mesma ideias (p. 128) sobre o material sexual em análise. Podemos inferir que a fala caberia para aqueles pacientes que tinham lido sobre psicanálise e do que se tratava.

Apesar de aceitar a existência da transferência erótica, dizia não ser a única, nem a mais essencial (CW 16 *Psicologia da Transferência*, p. 173). E ainda, apontava que a força da transferência erótica provinha de um sentimento de falta de relacionamento – psicológico – e de compreensão com o analista (CW 16 *Valor terapêutico da abreação*, 1921/1928).

Jung parece ter enfatizado o aspecto sublimatório da sexualidade em detrimento do relacional. A alquimia lhe mostrara o caminho da metáfora de união processada intrapsiquicamente, em termos de afinidade. Em *CW 16, Psicologia da Transferência*, descreve como a alquimia usava termos expressivos de relacionamento erótico, corpos e substâncias que se combinam por afinidade (p. 167).

Se, de um lado, Jung procurou ampliar a dimensão da sexualidade e do erotismo, não teria incorrido em outra forma de reducionismo ao empregar a sexualidade como metáfora para a união interior? E não como realidade per si?

Apesar de Jung ter escrito sobre o balanceamento instinto – arquétipo houve no trato da sexualidade uma ênfase para o espiritual, o que levou a uma herança de muitos pós

junguianos a desvalorizar o corpo e o sexo em sua expressão física e de relacionamento. A autora Lynn Cowan (2002) também faz essa ressalva.

CORPO relegado ao sintoma/primitivo

Seja via elaborações primitivas de imagens sensoriais, ou na corporeidade sintomática da psicossomática, o corpo cessa de ser relevante para a psicologia quando desprendido de sua sintomatologia.

Entendendo que o corpo é simbólico, a fantasia tanto aponta para o corpo como usa o corpo enquanto metáfora para a experiência emocional e relacional (Colman, 2005).

É nossa capacidade simbólica continua que permite unir os sentidos de corpo e a sexualidade, o erotismo, tanto como vivência de união, transcendência e plenitude de expansão interior, como no relacionamento com o outro. A percepção, o sentido material corpóreo tem gradações, do primitivo ao diferenciado, o sensorial e o imaginal coexistem, e é arbitrário separar conexão interior de vinculação exterior, o aprofundamento psíquico, a ampliação de consciência necessariamente inclui o corpo sentido e significado, e o outro desejado também sentido e significado, que nos significa por sua vez e nos faz sentir-nos diferentes e mais completos.

EROTISMO união concreto - abstrato

E talvez seja no erotismo que essa união possa se dar, nas fantasias de desejo erótico estimuladas por projeções e introjeções, olhares e reconhecimentos, buscas de encontros, fora e dentro, ao mesmo tempo ou sucessivamente.

Para Alberoni (1988), o desejo da pessoa amada é o desejo do absoluto. Há no erotismo uma suspensão entre o possível e o existente, por isso é distinto da pornografia, que concretiza e reduz. O autor refere a uma vibração, um "arrepio", termo usado na alquimia para indicar a atração dos elementos, do qual se originava a reação. Quando o erotismo se une ao enamoramento, entra-se em no "estado nascente" que se funde á criação, ao milagre da vida e desperta a essência de ser.

E Octavio Paz diferencia o libertino do amante, em que o primeiro aspira à insensibilidade e o segundo à fusão, transformando o objeto de desejo em sujeito desejante.

A psicanálise resgataria o poder do corpo liberto, participativo; anima e animus incorporariam o sopro de brisas, as carícias do amante; ou seja, a fantasia prospectiva nos impulsiona para o encontro interior e para o abraço daquele que desejamos.

Na psicologia analítica

Vamos, portanto, resolver a divisão: anima e animus incitam à vida, a desprender condicionamentos, a ter a mente aberta e participativa, a celebrar as descobertas, de corpo e alma.

❖ Nota: Referências Jung serão inseridas posteriormente

SANTANA, Edward Smith. Jung and sex: re-visioning the treatment of sexual issues in psychotherapy through an exploration and analysis of Jung's writings on sexual phenomena. Dissertation submitted to PACIFICA GRADUATE INSTITUTE, 2014.